

## O TEATRO NO ESPÍRITO SANTO.

O teatro jesuítico. O teatro popular. Propulsores do teatro no Espírito Santo. O "Melpômene" e o "Carlos Gomes".

---

E' um tema que representa muito bem a diretriz de pesquisas para um trabalho rico e interessante.

Ainda não foi estudado.

Procuramos registrar, aqui, apenas uma síntese do que temos anotado para um livro de "Introdução à Literatura Espírito-Santense", ou no Espírito Santo.

Existiu, certamente, o teatro, na Terra Capixaba, e vigorou, na Capitania e na Província. Precedeu à farsa "Da. Minhoca", do Pe. Antunes de Sequeira, e às peças escritas e encenadas, pelo saudoso Prof. Aristides Freire. Floresceu, no século XVI, com os autos de Anchieta, a quem devemos justamente considerar **o verdadeiro criador do teatro, no Espírito Santo**, e teatro essencialmente capixaba, segundo os temas versados e o lugar em que as peças foram escritas. Desenvolveu-se, com o zêlo dos jesuítas, pela educação intelectual da juventude. Sobreviveu à retirada dêsses primeiros educadores do povo, em nossa terra, e perdurou, com as representações, no Largo e na Ladeira do Colégio, e nas festas populares das Onze Mil Virgens, de São Miguel e outras.

Numa leitura anotada e calma da "História da Literatura Espírito-Santense", podemos observar que o ilustre Desembargador Afonso Cláudio não se refere à obra literária de Anchieta, e considera o primeiro período da literatura, no Espírito Santo, no avançado marco de 1770 a 1870, "Período da Eclosão das Tendências Literárias": Explica-se: eram escassas, naquele tempo (1909), as publicações relativas ao Apóstolo do Brasil, na Terra Capixaba. Seus autos e suas poesias apareceram tarde e graças a fotocópias estudadas e anotadas, pela Dra. Maria de Lourdes de Paula Martins. Foram publicadas, pela Seção de Lingüística do Museu Paulista. E' certo, porém, que algumas poesias e parte do Auto "Na Visitação de Santa Isabel" figuravam em obras esparsas; o conjunto, entretanto, sômente foi bem conhecido, mediante as publicações do referido Museu.

Não podia, assim, Afonso Cláudio conhecer o Teatro Jesuítico no Espírito Santo, mesmo porque o próprio apostolado desenvolvido pelos inacinos veio a ser melhor compreendido após a edição da "História da Companhia de Jesus no Brasil", obra séria e monumental.

O Colégio de São Tiago e sua influência nas letras clássicas da Capitania e da Província, as representações de autos e mistérios, as poesias de Anchieta, escritas no Espírito Santo, não podem continuar no deprêzo. Se não tiveram cunho integralmente teatral, ou se

"não chegam pròpriamente a ser autos, na acepção rigorosa do têrmo, se considerarmos a idéia de unidade que a palavra auto suscita" (1),

constituíram o marco para o desenvolvimento futuro das letras no Espírito Santo. Assinalaram a vida intelectual, na Capitania. Schreviveram, por muitos anos, séculos até, estimulando a mentalidade do povo e animando suas festas religiosas e suas comemorações cívicas. Concordamos com Nelson Werneck Sodré, quando se refere a Anchieta:

"Os seus autos e canções diálogos e orações possuíam o frescor da gleba que percorria (2)... Para o tempo, foi grande e único".

Seja qual fôr a crítica do valor das suas obras literárias, deve-se, incontestavelmente, aos jesuítas o início do teatro, no Espírito Santo, como parte notável do programa de catequese dos índios e correção dos costumes dos "civilizados".

Segundo o Pe. Serafim Leite, representou-se o Auto da "Vila da Vitória", no dia 22 de setembro de 1586, dedicado a São Maurício, padroeiro da Capital do Espírito Santo (3).

No Boletim do Museu Paulista, n.º 3, a Sra. Maria de Lourdes de Paula Martins insere, completo, êsse auto. Confrontando-o com os registros históricos da Capitania, conclui ser mais provável sua representação em 1584. Não seria para desprezar-se, porém, a idéia de uma repetição, em 1586, perante a embaixada do Paraguai, considerando-se o valor da peça e o interêsse que o seu gênero lítero-artístico despertava no povo.

No auto, aparece o "Embaixador", que se refere ao Paraguai. Em 1586, aqui esteve a embaixada do Paraguai, para

(1). — Afrânio Coutinho, "A Literatura no Brasil", II, 49.

(2). — Nelson Werneck Sodré, *História da Literatura Brasileira*.

(3). — Pe. Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, II, 611.

acompanhar os jesuítas que, para ali, se destinavam. Os demais personagens são: Satanaz, Lucifer, São Maurício, Vila da Vitória, Governo, Ingratidão, São Vitor, Temor de Deus, Amor de Deus, dois companheiros de São Maurício. Quanto à figura do “Embaixador”, devemos assinalar que, segundo Fernão Cardim, houve, em 1584, uma festa especial, no Espírito Santo, em sinal de jubilo, ao Pe. Rodrigo Melgarejo, filho do Governador do Paraguai. (Estaria figurado no “Embaixador”?)

Representou-se o “Auto de Santa Úrsula”, quando a Vila recebeu a desejada relíquia das Onze Mil Virgens. Seus personagens são: Diabo, Anjo, a Vila, Santa Úrsula, São Maurício e São Vital. E “Na Visitação de Santa Isabel”, a 2 de julho de 1595, na igreja do Rosário, em Vila Velha, antes da missa, quando se inaugurou a Casa da Caridade, ou Misericórdia, fundada, em Vila Velha, por Miguel de Azeredo, a rogos de Anchieta (4).

Outros registros do Teatro Jesuítico, no Espírito Santo, encontramos em 1579 (?), “Dia da Assunção, quando levaram sua imagem a Reritiba”, — peça escrita por Anchieta, na qual figuram o Diabo, o Anjo, Diabos companheiros, seis selvagens dançarinos, etc. (5). De fato, registra-se, em 1579, a 15 de agosto, a missa assistida pelos índios, quando se inaugurou a igreja dedicada a Nossa Senhora da Assunção.

“Na Aldeia de Guaraparim” é uma peça escrita exclusivamente em língua tupi, e fornece dados etnográficos, como o comportamento dos casais, a adoção de muitos nomes, à moda indígena, e indicações geográficas, como a das aldeias não conhecidas, no documentário da época (6). Personagens: Diabo, Alma, Anjo (7). Ainda no mesmo lugar representou-se, em 1587, uma peça, escrita pelo mesmo autor, para o “Recebimento que fizeram os índios de Guaraparim ao Pe. Provincial Marçal Beliarte”. Começava, no Pôrto da Aldeia, e terminava, quando, na igreja, um Anjo prometia guardar o local, expulsar os Diabos, enquanto um índio quebrava-lhes os braços. Os personagens eram: Índio, Diabos, Anjo e Meninos.

E’ uma peça em português e tupi.

O referido Provincial visitou o Espírito Santo em 1589.

---

(4). — Basílio Daemon, *A Província do Espírito Santo*.

(5). — Maria de Lourdes de Paula Martins, *Poesias de Anchieta*. Boletim III do Museu Paulista.

(6). — *Ibidem*.

(7). — *Ibidem*.

Registremos, igualmente, o “Diálogo da Ave Maria” (1584), “Breve Diálogo Devoto sôbre cada palavra da Ave Maria”, atribuído ao Pe. Álvaro Lobo”. Representou-se a 8 de dezembro de 1584, Dia da Imaculada Conceição.

\*

Conta-nos o Pe. Antunes de Sequeira, autor que teve ainda a oportunidade feliz de recolher dados e reminiscências dos velhos contemporâneos e discípulos dos padres da Companhia, que

“para a distração dos estudantes do Colégio, dando-lhes folga ao espírito fatigado pelas vigílias e labores do estudo, criaram (os jesuitas) uma festa religiosa consagrada às Onze Mil Virgens, de que foram chefes Santa Córdula e Santa Úrsula, além de São Miguel, o oráculo da decúria de gramática, e aquelas, dos segundo e terceiranistas de latim”.

Guardadas na capela Nacional, eram belíssimas as imagens de Santa Córdula e Santa Úrsula. Suas festas prendiam o povo, em Vitória, porque, das redondezas, afluía gente à cidade, em todos os meios de transporte, de modo que as canoas atopetavam os cais e os cavalos rinchavam, nos Pelames e no Campinho.

Relata o festejado cronista:

“Um mastro, tendo na grimpa, uma bandeira simbólica levantava-se, na frente da igreja do Colégio, na tarde do dia 29 de setembro.

“No dia 28, saíam máscaras (8), bem vestidos e caracterizados, anunciando o programa da festa, por um Bando concebido, em versos endecassilabos, rimados ao par”.

“No dia 29, ao romper da alva, uma nuvem artificial, feita com esmêro, conduzindo dois anjos nelas sentados, percorria as ruas principais da Cidade. Eram os precônios da festa. Precediam-nos duas filas de máscaras, de diversos e jocosos vestuários, com bambus e flores, música, indo, na frente do préstito, dois campônios de clarins, que tocavam, de espaço em espaço, conduzidos por dois bonecos artificiais, feitos com originalidade curiosa.

“Os próprios pés dos máscaras os levavam, introduzidos nos corpos postiços, e o andar vagaroso completava aquêlê engano, que lograva as vistas, dos mais curiosos!

---

(8). — Pe. Francisco Antunes de Sequeira, *Esbôço Histórico dos Costumes do Povo Espírito-Santense*.

Eram um galante arremedo, como o dos anjos, que se sentavam nas nuvens.

“Pelas dez horas do dia, do seu palacete, vistosamente enfeitado, saía o capitão de São Miguel, acompanhado de três sargentos de chapéus armados, casaca de verde marinho, calças brancas, com galão de ouro fino; dois levavam lanças, com pães doces e talhadas de cidra atravessadas, sem máscaras, e, dêles o pregoeiro do Bando recitava-o, em voz sonora, fazendo o panegirico do herói da festa”.

O Bando era apregoado, pelo comandante, o porteiro da Assembléia Legislativa, Manuel Tomás de Paiva:

Minha gente, aqui estou e não morri,  
Desde o ano passado, adoeci;  
Meteu-se-me grande dor, nestas cadeiras,

(Remexia-se e agachava-se)

Resultado de minhas feiticeiras.  
Ai!... Ai!... quando eu era moço,  
Quando me penteava,  
Quando me preparava,  
Quando estas cadeiras quebravam-se, requebravam-se...  
Ai! Ai!...

(Declamava, então, o programa).

Conseguimos a letra de um Bando, recitado na festa de São Miguel, em 1875. Apresenta quinze quadras, com os versos rimados, ao par, de acôrdo com a descrição acima registrada.

“Os cabelos das caudas dos cavalos — continua o Pe. Antunes de Sequeira — eram cobertos de compridas fitas, que os acompanhavam, até as extremidades. Contavam-se mais de duzentos cavalos das melhores raças, que vinham do Queimado, de Viana, Cariacica, Serra, Nova Almeida, Santa Cruz e Linhares, disputar o triunfo das parselhas, o que tinha lugar, às quatro horas da tarde, em frente do edificio da Câmara Municipal” (9).

Durante o mês de outubro prosseguiam os bailes, as máscaras, valsas, mastro, teatro, jardineiras, Bandos, em versos, etc., que prendiam o povo, até que, à meia noite da efeméride tão desejada, estouravam os foguetes. Pela madrugada, uma grande nuvem de cambraia finíssima, com pregas e tomados, fingindo ondulações, aparecia conduzindo dois anjos, cerca-

(9). — *Ibidem*.

dos de grinaldas floridas e cobertos de capacetes dos antigos e nobres guerreiros, com plumas escarlates. Marchavam, ao som dos próprios tambores.

Clarins tocavam a alvorada. O povo aplaudia a passagem majestosa.

Outubro era o mês de férias. Gozavam os estudantes seus divertimentos.

Lembre-mo-nos de que Anchieta escreveu o auto, para a Festa das Onze Mil Virgens, cuja lenda, segundo Artur Ramos,

“ter-se-ia originado de interpretação extensiva do nome de uma única companheira de Santa Úrsula, chamada **Undecimella** ou **Undecimille**. E’ esta a opinião de sábios como Sirmond, Valois e outros, que reduziram as onze mil companheiras de Santa Úrsula a uma só” (10).

Relata-nos o cronista dos “Costumes do Povo Espírito-Santense” que, na Praça do Palácio, armava-se um teatro provisório, onde se representavam dramas e comédias, e farsas, que divertiam uma notória multidão. Certamente, não eram representados apenas os autos de Anchieta, na Província. Com a evolução natural do meio, outros, de par com dramas, fábulas e comédias, subiam à cena. Mesmo porque houve, no século XIX, dissidência, entre os festeiros de São Miguel, resultando dois Partidos e, portanto, dois teatros: um, na Rua Fresca, nos fundos que davam para o mar. Era do Partido Praieiro, formado pelo escritor Gomes Neto, Pe. Antunes de Sequeira (então menino de catorze anos) e outros, que se favoreciam com o repertório dramático, vindo, por obséquio, do Teatro São Januário, da Côrte. Conseguiram, por isso, derrotar o outro Partido, — o dos Latinos, constituído pelos estudantes de latim. Da rivalidade resultou estímulo para o desenvolvimento da cultura e apuro da cenografia.

Representavam-se, no teatro popular, assim realizado: Inês de Castro, O Poeta e a Inquisição, O Doutor Sovina, Judas em Sábado da Aleluia, etc., além de monólogos, em versos heróicos, adequados à festa cívica, ou religiosa, do dia, escritos pelos Pes. Marcelino Pinto Ribeiro Duarte, Alvarenga Sales e Fraga Loureiro. Havia recitativos de odes, sextilhas, sonetos, décimas, — dos camarotes e, até, do próprio Palácio.

O cenário dêsse teatro, ao ar livre, situava-se, na parte fronteira ao Palácio do Govêrno, antigo Colégio dos Jesuítas, — da qual partia a Ladeira, ou rampa, até o mar. Em esteiras,

(10). — Artur Ramos, *Estudos de Folk-lore*.

pelo chão, comprimia-se a platéia, na referida Ladeira, que terminava no ponto onde, mais tarde, se construiu o Cais das Colunas, ou do Imperador, assim denominado, após a visita de SS. MM., o Sr. Dom Pedro II e Da. Teresa Cristina, ao Espírito Santo. Atualmente, êsse ponto da Cidade da Vitória está, pelo atêrro, transformado na Praça Roosevelt.

Gente de recursos fazia suas barracas, ou camarotes, iluminados com as tigelinhas de azeite e pavios de algodão.

Mesmo em princípios do século XIX, “Perseu e Andrômeda” ainda empolgavam os capixabas, como remanescentes das famosas peças representadas na Capitania. Vejamos:

“Uma serpente ensaiava o bote, para devorar Andrômeda, no cenário de um bosque, onde a pobre princesa estava, prêsa a uma palmeira, com fortes cadeias, cantando a narrativa da sua desdita. Vestido à grega, Tristão surgia disposto a matar o réptil, sob condição de desposar a heroína. Lutavam, dançando, a serpente e o seu perseguidor. Horrenda era a figura do monstro, de dois metros de altura, com asas enormes e fauces escancaradas, ostentando sua trilingua. No seu bôjo, um homem manejava o maquinismo original, que permitia seus movimentos. Perseu, certamente, o vencia. Decepava-lhe a cabeça. Era o momento supremo da festa. “Morreu a bicha”!, exclamavam os mais entusiasmados assistentes, quando lhe jorrava, do pescoço, o “sangue” de fitas vermelhas, que se desencadeavam na garganta” (11).

A serpente colossal, cuja feitura se confiava aos artistas Chagas Coelho e Chagas Vidigal, era a **bicha**, no dizer do povo.

Assim era festejado São Miguel, em Vitória, desde os tempos da Capitania. Nenhuma ligação apresenta essa querida festa dos velhos capixabas com o “Bando de Santo André”, referido pelo Desembargador Afonso Cláudio. Esta era serrana, e enaltecida pelos versos do Pe. Fraga Loureiro, um dos maiores repentistas espírito-santenses.

Em 1875, procuraram os vitorienses restaurar a festa de São Miguel, a 29 de setembro. A 16 de fevereiro, o Sr. José Antônio dos Reis Bastos divulgou um convite para que os interessados se reunissem, a fim de resolverem a “Função de São Miguel”, assim chamada a festa dos estudantes de antanho.

“Bando geral sério, composto de máscaras bem trajados, decentes, seguidos de Bandos joco-sérios”.

---

(11). — Pe. Antunes de Sequeira, *Esbôço Histórico*...

Terminavam os festejos, a 1.º de novembro, com a Festa das Virgens.

Existiram, portanto, na Capitania e na Província, dois cenários do teatro popular, em Vitória: um, na Praça do Palácio, depois, Largo de Afonso Brás e, atualmente, Praça João Clímaco; outro, no pequeno altiplano, fronteiro ao mesmo Palácio, e que se projetava, Ladeira abaixo. A êsses, juntemos o terceiro, da Rua Fresca, dos Praieiros, e que durou pouco tempo.

\*

Erudito ou popular, constituia, portanto, o teatro recurso de expansão intelectual dos capixabas, desde a Capitania. Expansão e apuro.

Repetimos, êle ainda não foi bem estudado no Espírito Santo. Precedeu, entretanto, às iniciativas do Prof. Aristides Freire, que estreou, em 1875, com "Surpresas de um Tio".

Em 1816, por exemplo, houve representação de peças dramáticas, num grande palco levantado na frente do Palácio, encenando-se um drama da lavra do Pe. Marcelino Pinto Ribeiro Duarte, professor de latim, e um elogio dramático, escrito por Luís da Silva Alves Azambuja Suzano. Duraram os festejos nove dias, terminados a 31 de maio. O elogio dramático recebeu o título de "Outeiro". Tudo em homenagem à Monarquia (12) e em regozijo ao Decreto de 16 de dezembro de 1815, que elevou o Brasil a Reino Unido a Portugal e Algarve.

Não faltou, igualmente, um teatro, quando chegou a Vitória a notícia de que, a 2 de dezembro de 1827, nascera na Côrte um Príncipe Herdeiro, o futuro Imperador Pedro II. Armou-se uma grande barraca, no alto da Ladeira do Colégio, com o palco bem à vista do povo. Camarotes foram preparados, à direita e à esquerda, até a base do referido declive, junto ao mar, iluminados com lamparinas de azeite de peixe, pavios de algodão, em tigelinhas de barro, ou de mamão verde (cortados ao meio e retirada a polpa).

Todos procuravam organizar seus palanques, ou camarotes. E, desde a véspera, o pregão retumbava, em tôdas as ruas:

Quem quiser se divertir, por hora e meia,  
A Praça do Colégio vá pois temos ceia.  
Rataplan... plam... plam...  
(Zabumba e tambores).

E as festas foram deslumbrantes! (13).

(12). — Basílio Daemon, *A Província*...

(13). — Crônicas dos jornais da Biblioteca Pública Estadual.



Em 1860, o Pe. Antunes de Sequeira publicou a farsa “Da Minhoca”. E, dos velhos jornais, colhemos o noticiário das seguintes instituições do gênero: a “Sociedade 7 de Setembro” (1855), em Vitória; a “Terpischore”, na Barra de São Mateus, onde, em 1875, se inaugurou um Teatro; a “Sociedade Dramática Particular”, no Itapemirim (1857). Na Sarra existiu um teatrinho, em 1882. E, durante alguns anos, o “Teatro São Sebastião” funcionou, sob a direção de João Pereira de Azevedo, na Rua Formosa n.º 6, em Vitória. Em 1870 estava no apogeu do seu movimento. E’ certo, porém, que Aristides Freire, Amâncio Pereira, Ubaldo Rodrigues e Cândido Costa deram grande impulso ao teatro culto, no Espírito Santo.

Houve na Capital a “Sociedade Dramática Particular **Melpômene**”, que, de acôrdo com a Lei n.º 1083, de 22 de agosto de 1860, recebia amparo do Govêrno. Seus Estatutos foram aprovados a 10 de agosto de 1872.

A 21 de maio de 1896, inaugurou-se o Teatro “Melpômene”, todo de madeira, construído pelo Eng. Filinto Santoro. Coube a estréia à Companhia espanhola Júlia de Plá, com a opereta “A Mascote”, seguida pela “Sinfonia do Guarani”.

Permaneceu a Companhia alguns meses em Vitória; mas, com o tempo, caiu no desagrado do povo. Para salvar a situação, um capixaba, Ubaldo Rodrigues, em poucas horas, compôs uma opereta — “Ontem e Hoje”, em que explorava a rivalidade dos Partidos político-religiosos: Caramurú e Peroá. Conseguiu casas repletas, com espetáculos diariamente repetidos.

Salvou a Companhia do fracasso.

Delirava a assistência quando apareciam, no palco, as caramurus e as peroás, vestidas ao rigor das suas tradições.

“Ontem e Hoje” apresentava diversos números, tais como: Federação, Rainha e Coros de Fadas, Duetto da Federação e o Espírito Santo, Côro das Normalistas, Caramurús e Peroás, etc.

Nenhum caramurú, nenhum peroá ficava em casa. Gente de tôdas as posições sociais corria, para encontrar lugar, no Teatro... E as palmas estrugiam quando, ao levantar do pano, as côres simbólicas tomavam o palco.

Desde o início da construção do “Melpômene”, a 14 de dezembro de 1895, vinda a madeira, — o famoso pinho de Riga —, da Europa, não faltou um **versinho**, que o povo cantarolava, ao passar pelo antigo Largo da Conceição:

Vai um Teatro,  
Todo de pinho,  
Se construindo,  
Devagarinho.

O “Melpômene” tinha luz elétrica própria. Foi demolido no quadriênio 1924-1928, após um princípio de incêndio, verificado a 8 de outubro de 1924. Durante a projeção de um filme, “Ordens Secretas”, alguém gritou: **Fogo!**

Ansiosos de saírem todos os assistentes, em conjunto, pelos corredores estreitos, uns se atiravam da torrinha, outros, dos camarotes, na platéia senhoras gritavam, gente havia sufocada, pela aglomeração, etc. A tremenda confusão levou muitas pessoas, quebradas e machucadas, para a Santa Casa, embora o menor prejuízo do Teatro fôsse justamente o resultado do fogo, limitado à cabine! O maior... tudo quebrado, — foi consequência da imaginação da assistência, impressionada com a estrutura do prédio. E os boatos, sempre exagerados nessas ocasiões, multiplicaram o número de vítimas, e reduziram o belo Teatro a... cinzas, que jamais existiram!

A 5 de janeiro de 1927, inaugurou-se o Teatro “Carlos Gomes”, com a peça “Verde e Amarelo”, de Patrocínio Filho, representada pela Companhia “Tan-Tan”.

Construído pelo arquiteto André Carloni, o “Carlos Gomes” é um belo edifício, onde, até hoje, o povo afluí, quando visitado pelas Companhias de artistas, que fazem temporadas em Vitória.

### **MARIA STELLA DE NOVAES**

Do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

---

(1). — Publicado na edição de 31 de agosto de 1927 n.º *Jornal do Rio de Janeiro*.